

UTILIZAÇÃO DE FANTOCHE PARA ALIMENTAÇÃO DE SUINDARA (*TYTO FURCATA*): RELATO DE CASO

VITÓRIA MANKE NACHTIGALL¹; PAULO QUADROS DE MENEZES²;
THASSIANE TARGINO DA SILVA³; VALÉRIA DEFAVARI MORETTI⁴; UILA
SILVEIRA DE MEDEIROS⁵; PAULO MOTA BANDARRA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – vitmanke@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pauloquadros.vet@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – thassiane.vet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vamoretti93@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – uilamedeiros@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – bandarra.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pertencente à ordem Stringiformes e à família Tytonidae, a espécie *Tyto furcata* é uma ave de rapina popularmente conhecida no Brasil como Suindara ou Coruja-da-igreja, por sua característica de nidificar no alto de torres ou prédios em ambiente urbano. Excelente caçadora, de hábitos noturnos e crepusculares, apresenta disco facial em forma de coração que direciona o som até suas orelhas externas (JOPPERT, 2014).

Em vida livre as Suindaras se alimentam principalmente de pequenos mamíferos, anfíbios, répteis, aves e alguns invertebrados. Em cativeiro, corujas adultas são comumente alimentadas com animais criados em biotérios ou comercialmente disponíveis, como grilos, camundongos, gerbos, entre outros. As Suindaras jovens são alimentadas com pedaços de neonatos de roedores, quase que exclusivamente (JOPPERT, 2014).

Para aves nidícolas, como é o caso das corujas, a identificação dos "pais" está diretamente ligada a quem as alimenta, fato preocupante considerando aves órfãs que não devem estabelecer relação afetiva com humanos. Assim que a ave conceitua quem são seus pais e irmãos, estabelece sua definição de perigo a partir do que é estranho a seu meio. Se nesse tempo, identificar humanos como seus análogos, sofrerá o processo de *imprinting*. Termo criado pelo etologista Konrad Lenz, *imprinting* significa uma marca que definirá o comportamento futuro do animal. Caso esse fenômeno ocorra entre a ave e humano, quase que invariavelmente o animal ficará impossibilitado de retornar a vida livre (SOARES et al., 2008).

O presente trabalho tem o objetivo de relatar o caso de dois filhotes de *Tyto furcata*, alimentados pelo método de utilização de fantoche, relacionando tal escolha à prevenção de desvios comportamentais.

2. METODOLOGIA

No mês de julho de 2018, o Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS/CETAS) da Universidade Federal de Pelotas, recebeu dois espécimes de *Tyto furcata*, um filhote (1) e um juvenil (2). Após recebimento, foram clinicamente avaliados, acomodados em um recinto apropriado e, em seguida, alimentados com neonatos de *Rattus rattus* e *Mus musculus* criados no biotério da universidade. Nos primeiros dias de manejo alimentar os responsáveis utilizaram máscara, luvas e pinça na realização da tarefa. Posteriormente iniciou-se o uso de um fantoche, junto aos recursos já empregados, para representar a figura paterna e/ou materna da ave. O manejo alimentar do filhote de coruja (1) foi do dia 09/07 ao dia 22/08, e o

da coruja juvenil (2) do dia 06/07 ao dia 26/07. A oferta ativa de alimento - para ambas - foi encerrada após visualização de alimentação independente por cinco dias consecutivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a intenção de evitar o *imprinting*, foi criado um fantoche em feltro branco, pintado com tinta de tecido, simulando as características das suíndaras adultas, a fim de mimetizar a aparência dos pais. O fantoche foi confeccionado com altura de aproximadamente 20cm, abertura na sua base para inserção de punho e pequena janela na região do “bico”, objetivando a passagem de pinça utilizada na apreensão e oferta do alimento (Figura 1). O fantoche era utilizado em todas as ocasiões, como uma variante de condicionamento operacional, com a intenção de minimizar estresse frente ao manejo alimentar. Conforme o crescimento, as *T. furcata* começaram a ser alimentadas à distância, no próprio recinto, utilizando o fantoche e sendo contidas fisicamente apenas para pesagem e avaliação clínica de seu desenvolvimento (Figura 2). Segundo CIPRESTE (2014) é importante avaliar a real necessidade do condicionamento em animais que retornarão ao seu ambiente natural, sobretudo em condições que possibilitem o *imprinting*; nesses casos o manejo deve ser feito com o mínimo contato e exposição possível. A conduta do manejo alimentar seguiu recomendações de JOPPERT (2014), o qual menciona que para assegurar o consumo hídrico e alimentar ideal, as aves devem ser pesadas regularmente, assim como a água deve estar sempre disponível e os alimentos, quando descongelados, devem antes ser embebidos em água morna para recuperar a umidade.

A coruja juvenil (2) iniciou sua alimentação de forma independente doze dias após chegada no NURFS; já a coruja (1), por se tratar de um filhote, necessitou de alimentação facilitada com uso de fantoche por período maior, demorando 45 dias para alimentar-se de maneira independente. Mesmo estando em estágios diferentes de desenvolvimento, as aves foram mantidas no mesmo recinto para que o filhote aprendesse a alimentar-se sozinho, mimetizando o comportamento da juvenil (ALCOCK, 2011).

Além visualização de alimentação independente por cinco dias consecutivos, foi também observado comportamento de defesa ativo, como enfrentamento, e passivo, apresentando penas eriçadas, estalar de bico, chiados estridentes e movimento rítmico pendular lateral do corpo (MOTTA-JUNIOR *et al.*, 2011). A reação comportamental apresentada, associada à autonomia alimentar, indicam sucesso na utilização do fantoche no manejo nutricional, com ausência de *imprinting*.

Com a independência alimentar, as duas corujas foram transferidas para um recinto maior e enriquecido, visando o treinamento de voo e adaptação para futuro retorno ao seu ambiente natural.



Figura 1. (A) Fantoche em feltro branco, pintado com tinta de tecido, simulando as características das suindaras adultas e (B) abertura na região do “bico”, objetivando a passagem de pinça utilizada na apreensão e oferta do alimento.



Figura 2. Alimentação de filhote de *T. furcata* realizada à distância, no próprio recinto, utilizando fantoche de suindara.

4. CONCLUSÕES

O estudo demonstra uma forma alternativa para a alimentação de filhotes de *T. furcata*, sobretudo no que tange a prevenção de desvios de comportamento – *imprinting* - induzidos por manejo inadequado. Deste modo, relatos dessa natureza assumem papel importante como literatura de referência na elaboração de protocolos alimentares efetivos para filhotes de Suíndaras e outras espécies de aves.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOCK, J. **Comportamento Animal: Uma abordagem evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap 3, p. 63-106.

CIPRESTE, C. F. Condicionamento Operante - Base Teórica e Aplicação no Treinamento de Animais Selvagens em Cativeiro. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de Animais Selvagens**. São Paulo: ROCA LTDA, 2014. Cap 8, p. 74-85.

JOPPERT, A. M. Accipitriformes, Falconiformes e Strigiformes (Gaviões, Águias, Falcões e Corujas). In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de Animais Selvagens**. São Paulo: ROCA LTDA, 2014. Cap 26, p. 470-536.

MOTTA-JUNIOR, J. C.; BUENO, A. A.; BRAGA, A. C. R. Corujas Brasileiras. Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://bluesky.ib.usp.br/labecoaives/PDFs/pdf30CorujasIBC.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2018.

SOARES, E. S.; AMARAL, F. S. R.; GRANZINOLLI, M. A.; ALBUQUERQUE, J. L. B.; LISBOA, J. S.; AZEVEDO, M. A. G.; MORAES, W.; SANAIOTTI, T.; GUIMARÃES, I. G. **Plano de Ação Nacional para a Conservação de Aves de Rapina**. Brasília, ed. Ibama, 2008, p. 39-56.